

Marina Colasanti



Penélope manda lembranças

contos

ea
editora ática

Importante: esta edição reformulada traz os mesmos textos ficcionais da anterior, publicada pela extinta série Rosa dos Ventos.

Penélope manda lembranças – contos

© Marina Colasanti, 2001

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

Diretor editorial Fernando Paixão
Editora Gabriela Dias
Editores assistentes Otacilio Nunes
Emílio Satoshi Hamaya
Apoio de redação Veio Libri
Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
Revisora Denise Goes
Editor de arte Antonio Paulos
Diagramador Claudemir Camargo
Design e DTP Negrito Produção Editorial
Pesquisa iconográfica Sílvio Kligin (coord.)
Caio Mazzilli
Foto da autora Fernando Pimentel/Editora Abril

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C65p
2.ed.

Colasanti, Marina, 1937-
Penélope manda lembranças : contos / Marina Colasanti. – 2.ed. –
São Paulo: Ática, 2007. (Boa prosa)

Contém suplemento de leitura
Inclui apêndice e bibliografia
ISBN 978-85-08-10815-2

1. Comportamento humano – Ficção. 2. Conto brasileiro.

1. Título.
06-4072

CDD 869.93
CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 10815-2 (aluno)
ISBN 978 85 08 10816-9 (professor)

2012

2ª edição | 2ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2001
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 0800-115152 – Fax: (11) 3990-1776
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional – atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Com a marca de Penélope

Numa comunidade de intelectuais, surge um mistério. Uma gata percorre os corredores, mostra sua sombra, faz barulhos, protagoniza estranhos incidentes e até tem nome – Penélope. E, no entanto, não existe. Ou parece não existir.

Penélope manda lembranças é um livro de pequenos mistérios. Pequenos porque esses mistérios são narrados de forma branda, sutil, elegante. Pequenos também porque não percebemos com que poder eles vão se infiltrando em nosso espírito durante a leitura. Até ser tarde demais.

As histórias de Marina Colasanti aqui presentes são escritas com a sutileza característica de seu estilo, “sem meia-noite tenebrosa, relógios tocando como em filme de terror” (como diz a narradora de “Na casa, à noite”) para sublinhar o momento de o terror surgir em cena. Seus sustos não são sustos de fato. O que há é o espanto, que se implanta lá dentro de nós e nos deixa atônitos.

Em cada um destes contos somos desafiados a observar com atenção a estranheza de seus personagens. E logo estamos participando de suas atribuições – em alguns casos, até mesmo os reconhecendo em nós. Todos os protagonistas das histórias vão acabar vivendo acontecimentos surpreendentes, que assim se configuraram a partir de situações da mais tranquila normalidade.

Assim, a partir de um momento banal – o homem do conto “Alguém ganha esse jogo” é derrotado numa partida de dominó –, somos levados a nos aproximar de todo o ressentimento e transtorno que isso pode causar, chegando a uma situação em que o fantástico toma conta da história. Em “Um homem tão estranho que...”, acompanhamos toda a desorientação e o colapso vividos por um senhor estrangeiro, que, ao preferir não se integrar às pessoas e ao seu meio, acaba se distanciando de tal modo que se aniquila: ninguém mais o reconhece e ele próprio já não sabe nada de sua identidade nem do mundo que o cerca. Quando outro personagem, também um homem, encontra uma luva caída na rua, nada de mais parece se anunciar. Mas a luva é roxa. E, embora já estejamos pressentindo algo, ele a experimenta. Só que não consegue mais tirá-la. Aquela aberração roxa fica em sua mão, constringendo-o, torturando-o, ameaçando acabar com sua vida. Como ele vai resolver a situação? Como você a resolveria, leitor? Não espere, porém, encontrar a mesma resposta do personagem. Se o enredo desse conto é inusitado, muito mais surpreendente é o seu desfecho...

O fantástico, então, brota do cotidiano, como se Marina Colasanti estivesse decidida a nos mostrar que a vida não tem nada de corriqueiro. Depois de ler cada conto seu, sempre queremos mais. A originalidade com que a autora constrói seus enredos misteriosos e a maneira inquieta de contar, que não se conforma com as formas tradicionais, tornam os contos deste livro uma rara oportunidade para o leitor apurar seu paladar literário. O texto de Marina se move com agilidade, dissimulação e suavidade felinas. Bem à maneira de Penélope, que, a exemplo destes contos, ao revelar seus mistérios, deixa o leitor intrigado e, não raro, assombrado.

Os editores

Sumário

Penélope manda lembranças	7
A hora dos lobos	27
Alguém ganha esse jogo	47
Um homem tão estranho que	57
Na casa, à noite	81
O homem de luva roxa	95

Marina Colasanti com todas as letras

<i>Biografia</i>	112
<i>Entrevista</i>	113
<i>Características da obra</i>	116
<i>Bibliografia</i>	118

Penélope manda lembranças

Ela tinha mesmo cara de gata. Não essa coisa de gata-mulher-bonita. Não. Gata felina. Nada muito definido, o jeito apenas. As maçãs do rosto altas, largas, a boca fina, aquele cabelo comprido, liso e brilhante e preto como pelo, descendo pelos ombros. E os olhos rasgados.

Era pequena, delicada de gestos – soubemos depois que havia sido ginasta na escola.

Mas ninguém pensou isso no aeroporto. Nem o colega com quem se encontrou ainda no saguão, chegando em outro voo. Nem o chofer que vinha buscar os dois com suas malas. Repararam, se tanto, que era uma moça oriental, vestida de preto. E talvez tenham registrado sem se dar conta que o cabelo se confundia com a roupa, de modo que era difícil dizer onde um começava e acabava o outro.

A viagem de carro até a *villa* foi demorada. Seguiram primeiro por uma estrada entre casas e fábricas, fábricas e fábricas, campos e fábricas. Depois passa-

ram por baixo de um viaduto, foram adiante cortando campos agora sem fábricas nem casas, sem gente sequer. As sinalizações traziam nomes de cidades que, dos três, só o motorista conhecia. E de repente, obedecendo a essas sinalizações ou à memória do motorista, eis que estavam em uma estradinha estreita, acompanhando em curvas a beira de um lago. Muito estreita mesmo, a estradinha. Ainda assim o motorista dirigia em velocidade. O lago lá embaixo grande, escuro. Poderia parecer assustador se não fosse tão sereno e:

– Belo – completou a moça.

Não era loquaz. Disse pouco mais do que isso até chegarem à *villa*, e em voz tão baixa que o companheiro não teve certeza se falava para ele ou para si mesma. Na dúvida, respondeu só com um sorriso e não se esforçou para conversar. O ruído do trânsito, dos caminhões e das cidades havia ficado para trás. No carro, só silêncio e a sombra intermitente dos ciprestes.

Chamava-se Sei, assim foi apresentada pela administradora da *villa* depois de chegar. Sei, e um sobrenome mais complicado que na hora quase ninguém registrou. Era japonesa. Cientista. Nada a estranhar; na *villa* todos eram alguma coisa. É claro, todos, em todo lugar, são alguma coisa. O que quero dizer é que ali todos eram alguma coisa parecida com Sei, estudiosos, pesquisadores, artistas. A *villa* servia exatamente para isso, para abrigar durante um mês pessoas assim, de todas as partes do mundo, que tinham algum projeto importante e precisavam de sossego para terminá-lo.

Sossego era o que mais havia naquela *villa* enorme, quase um palácio, cheia de salas, corredores e escadarias, plantada no meio de um jardim, mais do que isso, no meio de um parque. Tudo rodeado pelo lago, como uma ilha. Não era uma ilha, porém. Era um promontório. E nós, *villa* e jardins, estávamos bem na ponta, como a proa de um navio que a qualquer momento poderia afundar lentamente naquela água mansa e lentamente erguer-se para fazer-se ao largo.

Os primeiros dois dias transcorreram tranquilos. Malas desfeitas, as roupas perdiam seus vincos de viagem nos armários, ao mesmo tempo em que cada qual procurava imprimir novos vincos ao seu cotidiano, adaptar-se aos horários, às pessoas. Tateava-se de leve na vida dos outros, fazendo perguntas discretas sem invadir privacidades, procurando afinidades sobre as quais apoiar algo mais do que apenas um bom-dia, boa-tarde. Trocaram-se muitos sorrisos e conversas sem compromisso naqueles dias, alguns tiraram da carteira a foto dos filhos mostrando-a quase como um atestado de boa conduta. Todos se ajeitavam procurando seu lugar.

E no terceiro dia, sim, tenho certeza de que foi no terceiro dia mas também pode ter sido no quarto, na mesa do almoço – almoçavam todos juntos, embora a cada refeição trocassem os lugares – alguém, ainda dentro desse desejo de ser amável, disse a Sei que, passando pelo corredor, diante da sua porta, tinha ouvido seu gato miar.

– Meu gato?!

– É. Vai ver, estava com fome. Foi antes do café da manhã.

Ela não riu, porque Sei nunca ria, pelo menos ninguém tinha visto ela rir até então. Mas os olhos dela, apertados e cortados para o alto, riram. Foi o que eu achei. E eu estava sentada bem na frente dela.

Ah!, sim, esqueci de dizer, eu também estava na *villa*, fazia parte do grupo de felizardos cujos projetos haviam sido selecionados. Um projeto que exigia pesquisa, o meu, e que me levava frequentemente, todos os dias na verdade, à biblioteca.

Ali passava muitas horas. Sentia-me abrigada naquele salão comprido de teto abobadado todo decorado com pinturas, as estantes antigas de madeira, e o foco de luz que iluminava somente os livros em cima da minha mesa deixando o resto em penumbra. Não ia quase ninguém à biblioteca. Os demais ficavam trabalhando trancados em seus estúdios pessoais. Só apareciam mesmo na hora das refeições, embora às vezes se pudesse ver um ou outro andando no parque, de raquete ao ombro rumo à quadra de tênis em fins de tarde, ou então debaixo de um dos tantos guarda-chuvas brancos postos à nossa disposição em dias de chuva, que, movendo-se em meio ao verde do jardim, mais pareciam fantasmas com alça.

Coisa de que logo gostei foi a largura das paredes. Iguais às da casa da minha avó quando eu era criança e me escondia para brincar entre cortina e janela como em uma casa secreta em que só eu cabia. Na *villa*, a mesma coisa. Paredes da largura de um passo. E um silêncio no quarto tão grande, que às vezes abria os vidros só para ter os sons do jardim me fazendo companhia.

Assim mesmo:

– Está difícil trabalhar aqui – me disse Sei.

– Difícil? – estranhei.

– É. Muito barulho. Não consigo me concentrar.

De fato, a máquina automática de café e chá ficava bem diante da porta dela. Uma traquitana barulhenta, embora funcional, à qual recorriamos com frequência. Lamentei o fato em voz alta. Até sugeri que pedisse uma solução à gerência. Mas não era a isso que ela se referia.

– São os pássaros. Não param de cantar, de se remexer nos ninhos, de ir e vir. E tem aquele piadinho irritante dos filhotes.

O quarto de Sei era várias portas para lá do meu, na parte mais antiga da *villa*, a que havia sido construída aproveitando as antigas ruínas de um convento. Por fora via-se claramente a diferença de construção, as pedras rústicas sem reboco, uma ou outra janelinha estreita, um jeito de torre com paredes ainda mais largas que as minhas. Difícil ouvir qualquer coisa por trás delas. Vai ver, era nas frinchas das pedras que os pássaros se aninhavam, ruidosos. Só estranhei que ela achasse desagradável aquilo de que eu teria gostado tanto. Devia ser coisa de cientista, só interessada no próprio trabalho.

Houve uma apresentação de teatro, na primeira semana. O autor veio falar comigo cedo, agachando-se ao meu lado e falando baixinho como se entregasse um segredo. Se eu queria, se eu gostaria, que ele achava que seria bom, mas que de qualquer maneira.

– De qualquer maneira o quê, Hans?

Queria que eu fizesse um dos papéis, o da mãe.

Hans é homem de teatro, escreveu várias peças, dirigiu outras, tinha nos mostrado antes as fotos de algumas delas, com os atores andando em cima de vários vídeos de TV espalhados pelo chão, e outros vídeos nas paredes, e coisas escritas projetadas nas roupas dos atores. Teatro de vanguarda.

– Mas a mãe quando, Hans?

Numa peça dele que ia ser apresentada à noite.

– Hoje?!

Não a peça inteira, evidentemente, só um ato. E sem montagem. Não precisava decorar nada. Íamos ler para os colegas um ato da peça.

E Sei ia fazer o papel do diabo.

Todo mundo achou a ideia ótima, uma mulher fazendo o Demônio. Satanás de cabelos compridos. Mefistófeles com voz macia.

Sei fez muito bem o seu papel. A voz não estava macia. Estava envolvente, perigosa. Os olhos lampejavam, mais apertados que de costume.

Eu gostei da experiência. Muito estranho isso de ser si mesmo e ainda assim ser outra pessoa. Mesmo que por poucos minutos. Ser uma outra criatura, com outros pensamentos, outros desejos. E outras experiências. Assumir junto com as falas as experiências de outro alguém, sem nem saber quais foram, sabendo apenas vagamente que essas experiências para nós desconhecidas são responsáveis pelas palavras que tentamos fazer nossas. Eu tentei aquela noite. Por alguns minutos somente, um quarto de hora, não mais do que isso. Mas com quanta entrega.

Senti na Sei um empenho ainda maior. Parecia transformada. Foi a melhor de todos. E nos garantiu